



**Pontos  
riscados no chão:**

**a presença da umbanda  
em Salvador, Bahia**

**Mayara Mychella Sena Araújo**

FAUFBA

**Nayara Cristina Rosa Amorim**

PPG-AU / FAUFBA

## **Pontos riscados no chão: a presença da umbanda em Salvador, Bahia**

### **Resumo**

Pontos riscados no chão, pontos cantados, duas formas de interpretar e se referenciar as práticas umbandistas. O primeiro relacionado à identificação e o segundo à louvação das forças elementares da natureza e das entidades espirituais. Ambas formas plurais de conexão com a ancestralidade e a espiritualidade presentes na Umbanda, que correspondem aos fios condutores que guiam e precedem a elaboração deste artigo, cujo objetivo é levantar os terreiros de Umbanda em funcionamento em Salvador, na Bahia. Para alcançá-lo, além da descrição das descobertas e do processo decorrentes dessa busca, tenta-se entender o que é a Umbanda e o que são suas ramificações, com vistas a relacioná-las com a produção do espaço urbano de Salvador. Trabalho que se justifica, primeiro, por dar visibilidade a essa religião e, segundo, e principalmente, por apresentar outros e necessários questionamentos que visam preencher uma lacuna na produção acadêmica que dá conta da leitura da Umbanda em Salvador.

**Palavras-chave:** Umbanda, Ramificações da Umbanda, Levantamento, Terreiros, Salvador.

## **Puntos rayados en el suelo: la presencia de la umbanda en Salvador, Bahia**

### **Resumen**

Puntos rayadas en el suelo, puntos cantados, dos formas de interpretar y referirse a las prácticas umbanda. El primero relacionado con la identificación y el segundo a la alabanza de las fuerzas elementales de la naturaleza y las entidades espirituales. Ambas formas plurales de conexión con la ancestralidad y espiritualidad presentes en la Umbanda, que corresponden a los hilos conductores que guían y preceden a la elaboración de este artículo, cuyo objetivo es encontrar los terreiros de Umbanda en funcionamiento en Salvador, Bahia. Para lograrlo, además de la descripción de los descubrimientos y el proceso resultante de esa búsqueda, se intenta comprender qué es la Umbanda y qué son sus ramificaciones, con el fin de relacionarlas con la producción del espacio urbano de Salvador. Se trata de un trabajo que se justifica, primero, por dar visibilidad a esta religión y, segundo, y principalmente, por presentar otras y necesarias cuestiones que pretenden llenar un vacío en la producción académica que da cuenta de la lectura de Umbanda en Salvador.

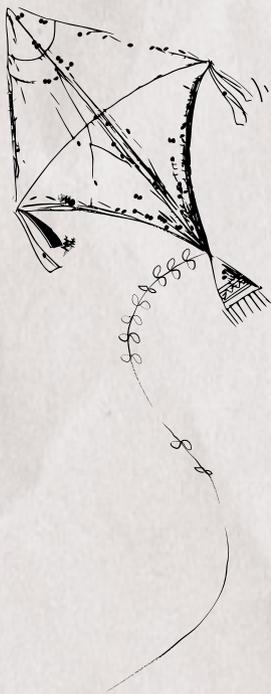
**Palabras clave:** Umbanda, Ramificaciones de la Umbanda, Encontrar, Terreiros, Salvador

## **Scratched points on the floor: the presence of umbanda in Salvador, Bahia**

### **Abstract**

Dots scratched on the floor, sung points, two ways to interpret and refer to Umbanda practices. The first related to identification and the second to the praise of the elementary forces of nature and spiritual entities. Both plural forms of connection with ancestry and spirituality present in Umbanda, that correspond to the conducting wires that guide and precede the elaboration of this article, whose objective is to raise the Umbanda terreiros in operation in Salvador, Bahia. To achieve it, in addition to the description of the discoveries and the process resulting from this search, tries to understand what Umbanda is and what its ramifications are, in order to relate them to the production of urban space in Salvador. This is a justified work, firstly, because it gives visibility to this religion and, secondly, and mainly, it presents other and necessary questions that aim to fill a gap in the academic production that accounts for the reading of Umbanda in Salvador.

**Keywords:** Umbanda, Ramifications of Umbanda, Survey, Terreiros, Salvador.



## Introdução

Quando duas pessoas se unem para a escrita de um texto, convergências e divergências surgem dessa junção. Este artigo, fruto de quatro mãos e dois universos distintos, é um desafio ao qual se propõem as autoras, seja por representar a descoberta da negritude e da ancestralidade de uma, seja por significar o encontro de respostas que compõem a consciência e a personalidade da outra – ambas instigadas pelo despertar de suas espiritualidades.

Tal despertar é, ao mesmo tempo, o que guia e o que move o processo de elaboração do texto, que por esse motivo busca apresentar essa dupla visão. Esse *duo* universo está nos títulos das subseções que compõem o artigo e em sua escrita, e é uma opção crítico-discursiva que não resulta numa visão oposta, pelo contrário, pelos dois olhares intencionamos lançar luz para o que nos é comum e nos atravessa no processo de elaboração

Ao contrário do que geralmente ocorre, quando este trabalho foi iniciado, seu objetivo já estava bem definido – tratar do levantamento dos terreiros<sup>1</sup> de Umbanda em funcionamento em Salvador, na Bahia –, mas onde chegar com ele ainda nos era pouco claro, uma vez que havia uma miríade de possibilidades. Com o aprofundamento das leituras e, principalmente, com a apropriação do trabalho Mapeamento dos terreiros de Salvador, realizado em 2008, é que processualmente o objetivo e os resultados foram sendo delineados com mais clareza. Ou seja, num primeiro momento, o objetivo principal era fazer o tal levantamento dos terreiros umbandistas em Salvador, buscando mensurar seu aumento desde o Mapeamento dos terreiros de Salvador. Todavia, na medida em que nossa opção metodológica é distinta daquela empregada no já citado trabalho no processo de levantamento e das

leituras realizadas para compreensão do que é a Umbanda e como ela se apresenta em Salvador, por um lado constatou-se que não seria possível análises comparativas quanto ao quantitativo de terreiros, mas por outro foi identificada o quão escassa é a produção acadêmica em torno do tema, principalmente no que diz respeito ao seu entendimento e às ramificações que a compõe.

Assim, nossa intenção é realizar o levantamento dos terreiros umbandistas, descrevendo o processo e as descobertas decorrentes dessa busca, além de tentar entender o que é a Umbanda e suas ramificações, visando sua correlação com a produção do espaço urbano de Salvador. Marcadamente reconhecida pelas religiões de matriz afro-brasileira, particularmente o Candomblé, a cidade pode ter também com a Umbanda registros que influenciaram (e ainda influenciam) seu processo de formação, eventualmente apagados ou atravessados por outros. Por isso, tenta-se romper essa invisibilidade, reafirmando a identidade e o respeito à Umbanda, pelo reconhecimento dessa manifestação religiosa que precisa ser divulgada e difundida, de modo a se combater estereótipos e preconceitos.

É importante já aqui mencionar, em primeiro lugar, que a Umbanda é "constitutivamente plural, diversa, e apesar de utilizar materiais, conceitos e preceitos de outras religiões, construiu sua própria identidade" (NASCIMENTO, 2020, p. 8). Ou seja, é conhecida e divulgada como a única religião brasileira, de base monoteísta e inspirada em matrizes religiosas relacionadas aos cultos africanos, indígenas, católicos e espíritas/kardecistas – por isso, a veneração ao Deus supremo,<sup>2</sup> além dos Orixás<sup>3</sup> e dos guias e das entidades espirituais.<sup>4</sup>

Em segundo lugar, a menção, no título deste artigo, a "ponto riscado no chão" é uma referência aos símbolos que os guias e entidades espirituais usam para identificar sua relação com a falange<sup>5</sup> e o sentimento a eles atribuídos. São marcas únicas, realizadas pelos/as médiuns quando incorporados/as por esses espíritos e que, geralmente, trazem imagens, traços e simbologias que podem traduzir a identificação dos terreiros de Umbanda. E, por fim, a compreensão de que o terreiro é "um espaço produzido pelos umbandistas no exercício de sua fé, na manifestação religiosa que representa a territorialidade e a identidade de um grupo, que se constrói socialmente a partir de suas crenças e práticas ritualísticas" (NASCIMENTO, 2020, p. 27).

Essas três menções, portanto, são também formas de destacar a heterogeneidade cultural que envolve a constituição do que é a Umbanda e, por conseguinte, de seus pontos riscados e da compreensão do que é o espaço físico de seu culto. Ao realizar

o levantamento dos terreiros umbandistas em Salvador e buscar compreender sua relação com a produção de seu espaço urbano, o texto se dedica, de certo modo, a um resgate e uma reflexão sobre a religião na cidade, considerando: (1) sua liberdade de culto, que elimina tudo o que limita as escolhas; (2) o fato de integrar a cultura brasileira e resistir, a despeito das adversidades; e (3) ser celebrada pela diversidade, com forte apelo ao cuidado e à preservação da natureza.

Essas dimensões podem ter possibilitado a ampliação da autodeclaração, nos últimos Censos Demográficos de 2000 e 2010, no Brasil, daqueles/as que se afirmaram Umbandistas de 397.431 para 407.331 pessoas. Esses números podem (ou não) contribuir para o reconhecimento, entre 2000 e 2010, da ampliação de instituições religiosas de matriz afro-brasileira. Afinal, no país, os/as autodeclarados/as Umbandistas, Candomblecistas ou de outras religiosidades afro-brasileiras passaram de 525.013, em 2000, para 588.797, em 2010. Na Bahia, esses números são ainda mais representativos, pois passaram de 21.733, em 2000, para 47.070 (em 2010); e, em Salvador, de 11.959, em 2000, para 28.019, em 2010.

No caso da capital baiana, uma das formas de corroborar com essa ampliação é pondo em relação esses dados censitários e o mapeamento<sup>6</sup> de terreiros. Esse levantamento, embora possa ser usado para fomentar a elaboração de políticas públicas, teve como objetivo principal reconhecer e valorizar os terreiros, contribuindo para diminuir os preconceitos e as intolerâncias religiosas existentes em torno das práticas e das religiões de matriz africana. Para este estudo, foi ponto de partida o Mapeamento dos Terreiros de Salvador (2008), que registrou 1.165 terreiros, dos quais 24 (2,1%) se declararam de Umbanda.

Vale ressaltar que mesmo o material sendo em parte fruto de inquietações pessoais, em torno da busca por respostas, compreensões, ligações com a ancestralidade e a espiritualidade, ele traz uma abordagem ainda pouco elaborada nas publicações científicas que tratam da Umbanda, em Salvador. Por esse motivo, compreende-se sua relevância acadêmica e ancestral para a produção da cidade e das memórias de sua população, que se diferenciam do pensamento e religiões hegemônicas.

## O surgimento da Umbanda: um olhar de perto e de dentro ou de longe e de fora?

É importante logo salientar que a inferência no título nesta subseção não representa dois olhares dicotômicos, mas objetiva ressaltar o já mencionado: que a leitura pode pretensamente associar o início da jornada espiritual de uma das autoras na Umbanda e a busca por respostas instigadas pelo despertar da espiritualidade da outra, não manifestada pela religião.

Por esse motivo, teve-se o cuidado para que as vivências e ainda poucas experiências de uma autora não repercutissem na forma de ler e analisar da outra, cuidado que possibilitou uma leitura de atravessamentos e completudes. Assim, olhando de fora e de longe quando se trata do surgimento da religião, tem-se que, historicamente, a Umbanda surge no Brasil com esta nomenclatura num período situado entre o final do século XIX e início do século XX, segundo Adriana Cristina Zielinski do Nascimento (2020), havendo variações interpretativas sobre como se deu esse surgimento.

Segundo Ortiz (1999),<sup>7</sup> mencionado pela supracitada autora, nesse período ocorreu a proclamação da República e a abolição da escravatura, e no Rio de Janeiro essas transformações podem ter influenciado um maior contato entre os elementos rituais dos cultos sincréticos chamados de "macumba"<sup>8</sup> com o espiritismo kardecista, que havia chegado ao Brasil na segunda metade do século XIX. De acordo com a autora e o autor, esse contato ocorreu primeiramente nas camadas mais pobres da população, em seguida na classe média, tendo dessa junção de ritos surgido a Umbanda.

Sinaliza-se quanto ao emprego do termo "macumba" como sendo referente a "denominações religiosas de origem ou influência africana [...] que compõem um largo espectro de crenças e práticas assemelhadas, mas diversas, que usualmente denominamos religiões afro-brasileiras" (PRANDI, 2014<sup>9</sup> apud CARNEIRO, 2014, p. 8). Ou seja, quando se trata das religiões afro-brasileiras, tanto a localização geográfica quanto a predominância de uma etnia devem ser consideradas como caracterizadoras de cada culto, por conseguinte das denominações que recebem. Por isso, as relações entre essas diversas religiões são tão complexas, pois cada comunidade tem sua tradição e sua história. Nenhuma é melhor ou pior que a outra, apenas se adequa ao ângulo de interpretação daquele/a que a escolheu. Isso repercute na pluralidade e na especificidade de cada culto, inclusive, quanto à Umbanda e a seu processo de formação. Subsequentemente, tem-se um quadro de Carneiro (2014), no qual sintetizam-se essas complexidades.

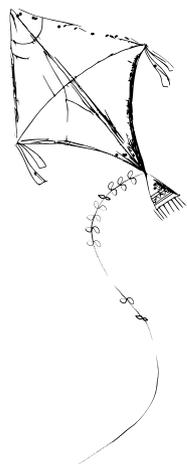


**Quadro 1** - Religiões afro-brasileiras: descrição, tradição, cultos e suas variações  
 Fonte: Carneiro (2014, p. 18)

<b>Grupos das religiões afro-brasileiras</b>	<b>Descrição</b>	<b>Tradição, cultos e variações participantes de um mesmo conjunto</b>
Culto de Nação	Conjunto composto por tradições com forte influência africana. O culto dá ênfase aos deuses denominados orixás, voduns ou inquices.	Candomblé em suas três principais nações: Ketu (iorubá), Angola (bantu) e Jêje (fons); Batuque; Candomblé de Caboclo; Jarê, Culto ao Ifá; Culto aos Egungun; Xangô do Nordeste; Xambá.
Encantarias	Conjunto marcado pela presença dos encantados. Os encantados ou "incantes". Alguns desses não chegaram a encarnar. Os que viveram em terra desapareceram misteriosamente sem morrer.	Catimbó; Jurema; Babassuê; Pajelança; Cura; Tambor de mina; Terecô; Toré.
Umbandas	Conjunto marcado pela presença de ancestrais ilustres no culto. Por exemplo: caboclo, preto-velho, criança, exu (entidade e não apenas o orixá), baiano, marinho, boiadeiro, cigano.	Macumba; Cabula; Umbanda Branca ou Cristã (também chamada de espiritismo de umbanda); Umbanda Omolocô; Umbandaime; Umbanda Esotérica ou Iniciática; Umbanda Oriental; Umbanda Mística; Umbanda Traçada [...].

Compreender a diversidade religiosa afro-brasileira numa sociedade que habita nesse país-continente é importante, mas apesar disso a intenção aqui é tentar trazer as origens da Umbanda. Assim, vale lembrar que desde 1720 já existia no Brasil, não só no Rio de Janeiro, cultos que traziam o sincretismo e elementos indígenas, portugueses e africanos, que tinham como objetivo realizar curas, adivinhações e limpezas espirituais; e que tinham, em seu ritual, cânticos e danças embalados pelo som de atabaques, com a incorporação de entidades espirituais (NASCIMENTO, 2020).

Por isso é que se pode afirmar que, embora a Umbanda seja conhecida e amplamente divulgada pela sua maleabilidade e sincretismo religioso – pautados nas práticas religiosas de matriz africana e de influências indígena, católica e kardecista –, ela vem se resignificando de acordo com os acontecimentos culturais e conflitos enfrentados tanto quanto adaptando-se às transformações sociais, políticas e econômicas no Brasil. Para o que Verger (1999, p. 193) afirma: "a Umbanda é uma religião popular tipicamente brasileira, que apresenta um caráter universalista que engloba principalmente em seu corpo doutrinário cinco influências: africana, católica, espírita, indígena e orientalista".



Olhando de perto e de dentro, a versão mais conhecida sobre o surgimento da Umbanda é de que a mesma foi anunciada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do médium Zélio Fernandino de Moraes, no dia 15 de novembro de 1908, no distrito de Neves, no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro.

De acordo com o diálogo<sup>10</sup> entre o espírito do Caboclo, incorporado no referido médium, e o então presidente da Federação Espírita de Niterói, o médium vidente José de Souza, no dia seguinte ao seu anúncio, na casa de Zélio Fernandino:

haverá uma mesa posta e toda e qualquer entidade que queira ou precise se manifestar, independentemente daquilo que haja sido em vida, [...] serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais, e ensinaremos àqueles que souberem menos, e a nenhum viraremos as costas e nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai.

Com essa fala, tem-se a origem da Umbanda com a perspectiva do respeito ao saber do mais velho. Por isso, no cotidiano umbandista vislumbra-se o resgate e a manutenção dos valores e saberes populares que lhe dão forma. Especialmente, porque historicamente esses vêm sendo invisibilizados pela epistemologia eurocêntrica e há a urgente necessidade de reconhecer a complexidade do universo simbólico umbandista, que dá acesso a conhecimentos que desconstroem o imaginário colonial.

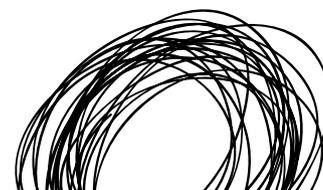
Nesse sentido, a busca pelo aprofundamento – de perto e de dentro – e mesmo por uma ótica mais afastada – de longe e de fora –, o que se pode dizer é que a Umbanda é uma religião em processo, que vem se autoconstruindo a partir de sua própria prática, pelas inter-relações das inúmeras vivências religiosas de seus/suas líderes e daqueles/as que optaram (e optam) por segui-la. E que embora tenha como prerrogativa amparar e socorrer a todos/as que a buscam, não há como transformar seu universo múltiplo em algo unívoco, estritamente dogmático e doutrinário. A Umbanda é dinâmica, pluralista, multicultural e inter-racial.

Mesmo a Umbanda sendo reconhecida como a religião na qual a manifestação dos espíritos se dá para a prática da caridade, fundamentada no amor incondicional e respeito ao livre arbítrio, é certo que há diferenças quanto as capacidades de assimilação das diversas formas de cultos de espíritos em cada região do país. Por isso, é essencial respeitar as diferenças existentes e, concomitantemente, aproximá-las, a partir da compreensão dos conteúdos que expressam.

De acordo com Brown *et al.* (1985), os primeiros terreiros encontrados no Brasil, foram a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, fundada por Zélio Fernandino, além de outras sete tendas fundadas por umbandistas que frequentavam a referida Tenda. Nelas, talvez pela herança kardecista, a prática de culto não representa a diversidade ritualística que hoje a Umbanda possui. Seu processo dinâmico de construção, seja na ciência, seja no senso religioso, repercute em suas ramificações:

**Quadro 2** - As “Umbandas”<sup>11</sup> Fonte: Elaboração própria (2021), com base em Barbosa Júnior (2014) e Pinheiro (2009) .

Ramificações	Umbandas	Descrição
<b>Umbanda Branca*</b>	Umbanda Tradicional	Genericamente, refere-se à Umbanda organizada por Zélio Fernandino. É a vertente fundamentada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, Pai Antônio e Orixá Malê, através do médium Zélio Fernandino de Moraes (1891 – 1975). É considerada a primeira e mais tradicional Umbanda, pois através dela, a religião começou a ser fundamentada com a criação da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade em São Gonçalo/RJ (16/11/1908). Trabalha basicamente com as linhas de Caboclos e Pretos-velhos, unindo seus mistérios, magias e sabedoria. Empenhada em prestar a caridade.
	Umbanda de Mesa Branca ou Kardecista	Geralmente, não utilizam elementos africanos (em algumas casas, nem mesmo o culto direto aos Orixás) não trabalham diretamente com Exus e Pombogiras nem se utilizam de fumo, álcool, imagens e atabaques. Por outro lado, trabalham com Caboclos, Pretos-Velhos e Crianças, bem como se valem de livros espíritas como base doutrinária. Essa vertente tem uma forte influência do Espiritismo (Kardecismo), também chamada Umbanda de Cárita - porque abre as sessões com a Prece de Cáritas, é praticada em centros espíritas que passaram a desenvolver giras de Umbanda junto com as tradicionais sessões espíritas. Usa roupa e sapatos brancos, mesa, sobre assoalhos de madeira e se preocupa muito em praticar a caridade material e espiritual.
<b>Umbanda Esotérica</b>	Umbanda Esotérica	Seu maior representante é W. W. Mata Pires (Mestre Yacapany). A Umbanda por essa perspectiva estuda as forças sutis da natureza pelas quais Deus, seus Anjos, Orixás, gênios e espíritos se manifestam. Estuda também a astrologia, a parapsicologia, a grafologia, a quiromancia, as propriedades medicinais e espirituais das plantas, a simbologia que envolve pontos riscados, talismãs, amuletos. Assim, adota ritos mágicos europeus, o que a torna mais aberta à presença de brancos e membros de classes mais altas.



Ramificações	Umbandas	Descrição
<b>Umbanda Esotérica</b>	Umbanda Iniciática	Derivada da Umbanda Esotérica, foi fundamentada por Pai Rivas (Mestre Arhapiagha), com grande influência oriental, como uso de mantras indianos e do sânscrito.
	Umbanda Mística	Tem por base a religião e a fé. Diz o místico que, quando todos os recursos materiais se esgotarem, restará a fé. Em outras palavras: quanto toda a sabedoria humana e todos os remédios falharem, a fé faz o milagre.
<b>Umbanda Branca Esotérica</b>	Umbanda Mirim	É fundamentada pelo Caboclo Mirim com o seu médium Benjamin Figueiredo (26/12/1902 – 03/12/1986), surgida em 1924 com a fundação da Tenda Espírita Mirim, no Rio de Janeiro e responsável pela criação do Primado de Umbanda, fundado em 1952.
<b>Umbanda Traçada</b>	Umbanda Omolocô	Genericamente conjugação do culto africanista aos Orixás ao culto dos Guias e das Linhas de Umbanda. Essa vertente vem com o processo de "umbandização" das casas de Omolocô e começou a ser fundamentada em 1950 no Rio de Janeiro pelo médium Tancredo da Silva Pinto, Tátá Tancredo (10/08/1904 – 01/09/1979).
	Umbanda de Almas e Angola	Em linhas gerais, conjuga a Umbanda Tradicional e os ritos africanistas do Candomblé Angola, praticado em Santa Catarina e que teve sua origem no Rio de Janeiro. É também o resultado da transformação (umbandização) de antigos terreiros de Almas e Angola. Existe um forte sincretismo entre os Orixás e os santos católicos vinculados às tradições africanas, incluindo obrigações internas denominadas feitura de Orixá ou camarinhas. Nessas atividades o médium tem sua cabeça raspada, fica recluso no Terreiro, deitado numa esteira por sete dias e, como ocorre no Candomblé, oferece menga – sangue de animais – aos Orixás.
	Umbandomblé**	O sacerdote ora toca para Umbanda, ora para Candomblé, em sessões com dias e horários diferenciados. Casas de Candomblé que se identificaram com o movimento da Umbanda, mais especificamente Candomblé de Caboclo, começaram a adotar em suas práticas, também as giras de Umbanda alternando com o culto do Candomblé em sessões diferentes (dias e horários).
<b>Umbanda Cruzada</b>	Umbanda Popular	Praticada antes do trabalho de Zélio Fernandino, conhecida também como macumba, de forte sincretismo entre Orixás e santos católicos. Alguns consideram o chamado Candomblé de Caboclo também uma forma de Umbanda Popular.

Ramificações	Umbandas	Descrição
<b>Umbanda Cruzada</b>	Umbanda Popular	É uma das mais antigas vertentes, resultado do processo de transformação em Umbanda (umbandização) de antigas casas de Macumba dos morros cariocas. Como o próprio nome já diz, é uma das formas mais abertas a novidades e praticadas no Brasil, pois é possível adotar práticas místico-religiosas que mais convêm associando a duas ou mais religiões.
	Umbanda de Preto-Velho	Forma de Umbanda na qual o comando cabe aos Pretos-Velhos.
	Umbanda de Caboclo	Forma de Umbanda na qual o foco são os Caboclos, prevalecendo a influência das culturas indígenas.
	Umbanda Sagrada	Foi fundamentada por Pai Benedito de Aruanda e pelo Ogum Sete Espadas da Lei e da Vida, através do médium Rubens Saraceni, em São Paulo, no ano 1966, com a criação do Curso de Teologia da Umbanda. Seus principais divulgadores são: o Colégio de Umbanda Sagrada Pai Benedito de Aruanda, fundado em 1999; o Instituto Cultural Colégio Tradição de Magia Divina, de 2001; a Associação Umbandista e Espiritualista de São Paulo, de 2004. Além dos livros escritos pelo próprio Rubens Saraceni, do Jornal de Umbanda Sagrada (editado por Alexandre Cumino), do programa radiofônico Magia da Vida e dos colégios e terreiros criados pelos discípulos de Saraceni.

\*Mesmo não sendo o viés da discussão, diante do contexto atual é importante não deixar passar despercebida a conotação pejorativa ao emprego dos termos “branca” e “negro” como referência, respectivamente, a compreensões mais afastadas dos elementos africanos ou como algo “do mal”, entendidos como causa e consequência da discriminação racial. Embora as autoras se pautem em referências históricas e tragam as discussões tal como elas se apresentam, isso não significa concordância, até porque desde seus lugares de fala, entendem a necessidade de uma reconstrução conceitual quanto ao emprego dos termos com vistas a não mantê-los sedimentando o racismo estrutural tão perverso e cruel existente na sociedade. Todavia, para essa realização, acreditam ser necessária uma releitura e aprofundamento teóricos que ainda não dão conta, mas que certamente constitui-se em um caminho a ser refletido e buscado no âmbito de futuras e fundamentais discussões em torno da temática.

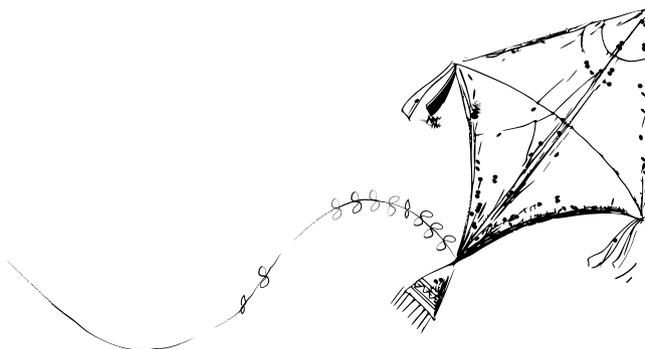
\*\*De acordo com Pinheiro (2009), ao mencionar o editorial de número 10 da Revista Espiritual de Umbanda - de circulação nacional entre 2003 e 2008 -, não seriam coerentes tanto a utilização dos termos Umbandomblé quanto Quimbanda, com referência a Umbanda, como uma de suas compreensões ou como variação de seu culto. Aliás, para ele, e por conseguinte para os editores de tal periódico, não seria admissível o emprego dos termos: o primeiro, Umbandomblé, porque associa as práticas de Candomblé e da Umbanda, o que não seria sincretismo, mas sim a migração de práticas religiosas, de rituais ou filosofias do Candomblé para a Umbanda; e o segundo, Quimbanda, porque designaria um culto autônomo, independente e até mesmo oposto à própria Umbanda, já que admite trabalhos voltados para o mal, de magia “negra”.

É oportuno mencionar que as Ramificações da Umbanda, ou as Linhas de Umbanda, ou as Correntes de Umbanda, ou simplesmente as "Umbandas" podem representar, de um lado, formas de legitimar socialmente a religião que é tão diversa; e, de outro, uma busca pela aceitação e pela superação dos estigmas – como marginalidade, transgressão, ignorância e "atraso" –, dada sua pluralidade.

Em outros termos, ao considerar as relações sociais e de fé tão multifacetadas, haja vista a liberdade de culto, que elimina tudo o que possa limitar as escolhas preconizadas pela prática umbandista, essas representações tentam aproximar as diversas formas que os dessemelhantes grupos integram, acabando por criar "identidades" cujo significado simbólico pode ser o de um status ou de uma posição na sociedade. Como se extrai da leitura de Pinheiro (2009), essas ramificações, linhas, correntes, modalidades ou "Umbandas" se relacionam a "formas institucionalizadas e objetivas, em virtude das quais 'representantes' marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo" (p. 8). São tentativas de defender determinado segmento ou corrente dentro da própria Umbanda, ou simplesmente de codificar, de trazer unificação doutrinária à religião.

Ao pôr em interface o olhar de perto e de dentro com o de longe e de fora, ainda se percebe que a pluralidade da Umbanda se reflete na enorme produção de livros e informativos da religião. Como aponta Pinheiro (2009), esse esforço de escritores umbandistas (ou não umbandistas) tenta reproduzir o espaço das tramas cotidianas e o encontro das resistências, trazendo experimentações quanto às ressignificações das relações do dia a dia, somadas a oralidade, além da escrita.

Essa vasta produção bibliográfica e acadêmica, notadamente nas regiões Sul e Sudeste do país, não reverbera, por exemplo, em Salvador, cuja lacuna nas abordagens científicas e acadêmicas é apontada a seguir.



## **“Deixa a Gira girar!” - registros sobre a Umbanda em Salvador**

“Iê, oh...  
Meu pai veio da Aruanda e a nossa mãe é Iansã...  
Oh, gira, deixa a gira girar...  
Deixa a gira girar  
Saravá, Iansã!  
É Xangô e Iemanjá, iê  
Deixa a gira girar...”

Esta seção traz no título e em sua epígrafe trechos de um cântico ou ponto cantando nos terreiros de Umbanda. A intenção, ao fazermos essa inferência, é mostrar as várias possibilidades de estudar e entender a riqueza da religião. As giras são sessões geralmente realizadas nos terreiros de Umbanda, mas tal exercício da fé com a celebração de rituais também pode ocorrer nos espaços da natureza. Nesse sentido, se as formas de culto da Umbanda são multifacetadas, as formas de compreendê-la e as possibilidades de suas celebrações ritualísticas também são.

E o que tudo isso tem a ver com os registros sobre a Umbanda em Salvador?

De maneira geral, como depreendemos da leitura de Isaia,<sup>12</sup> mencionado por Pinheiro (2009, p. 6), “os significados sociais não são impostos unilateralmente, mas subordinados a um jogo relacional, em que a realidade vivida impõe-se e anula o desejo meramente arbitrário de nomear a realidade”. Ou seja, não se trata de como se optou por nomear a seção, mas de transgredir ao que se impõe como significados socialmente dominantes.

Nesse sentido, o título quer trazer de forma alusiva a força da palavra, no caso do cântico, que também para Isaia representa “fonte imanente de axé, força vital, [... uma vez que] sua pronúncia no ato da fala [...] movimenta as forças sagradas” (ISAIA, 1999 apud PINHEIRO, 2009, p. 7). Mais uma forma de legitimação e aceitação do que é a Umbanda, que no caso de Salvador, pelas suas marcas e raízes históricas, pode talvez ainda ter na oralidade – característica fundante das religiões afro-brasileiras – o principal mecanismo de transmissão dos conhecimentos e da manutenção das relações de poder e reciprocidades estabelecidas por aqueles/as que optaram (e optam) pela religião.

Por não ser o foco de nossa análise, não se tem como ratificar esse pensamento, embora possa-se notar que as pesquisas e registros em publicações científicas acerca da Umbanda em Salvador sejam escassas.

Sabe-se que os textos acadêmicos não são a única forma de registro das práticas culturais e religiosas. A importância do registro histórico e de seu processo de consolidação traz, ao mesmo tempo, visibilidade em outras esferas que não aquela que abarca a comunidade religiosa, e possibilidades de reflexão e questionamentos em torno dos diversos vieses de diálogo que se podem estabelecer. Por isso, como afirma Prandi (2014), no prefácio do livro de Carneiro (2014), “as religiões afro-brasileiras são religiões rituais, pouco afeitas à reflexão sistemática sobre si mesmas, baseadas fortemente na mitologia e sua representação ritualística. Diz-se que ser afro-brasileiro é repetir a tradição”.

Para o autor, e inclusive como dito antes, a manutenção das práticas religiosas afro-brasileiras por meio da oralidade é uma tradição, faz parte de sua compreensão, do aprendizado no chão do terreiro. Todavia, o mesmo Prandi (2014) traz que:

Talvez por herança kardecista, a umbanda, desde cedo, apegou-se à produção e ao consumo da palavra escrita. Mas se manteve longe da construção de um exercício intelectual que se propõe a estudar, refletir e avançar na interpretação de si mesma, na natureza de suas divindades e no sentido de seus ritos. Livros fazem parte do cotidiano umbandista, mas o assunto primeiro é a mitologia dos guias e entidades e o receituário ritualístico, o que não é pouco. Muitos deles sequer têm autoria que não seja atribuída a espíritos, guias, entidades que, por si só, impõem-se com autoridade capaz de dificultar o questionamento que é próprio da reflexão intelectual e científica.

Em outros termos, para Prandi, muito embora a Umbanda tenha na escrita uma potente ferramenta de manutenção de sua história, de sua consolidação e da afirmação de seus ritos e símbolos, essa não se faria seguida de um embasamento teórico e analítico que possibilitasse diálogos e reflexões acerca dos diversos conflitos e preconceitos que, por exemplo, cercam a religião.

Essa é a razão de nossa opção por tratar dos registros sobre a Umbanda em Salvador considerando a produção científica que versa sobre ela, por se entender que apesar de ainda incipiente, essa produção traz aquilo que Isaia ressalta – “a força da palavra” –, ainda que, aqui, não pela oralidade, mas pela escrita acadêmica. Para tanto, os bancos de dados utilizados no levantamento foram os de dissertações de mestrado e pesquisas de doutoramento da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal

de Nível Superior (CAPES), da Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Scielo e da Biblioteca Eletrônica Científica Online, a partir das seguintes palavras-chave: Umbanda e Umbanda em Salvador. O quadro abaixo apresenta as produções científicas que abordam a Umbanda em Salvador, publicadas até 10 de junho de 2021.

**Quadro 3** - Publicações científicas sobre a Umbanda em Salvador  
Fonte: elaboração própria (2021).

Autoria	Título	Ano	Principais espaços retratados
BORGES, Mackely Ribeiro	Gira de escravos na Umbanda de Salvador-BA	2005	Centro Umbandista Rei de Bizara
	Umbanda e Candomblé: Pontos de Contato em Salvador – BA	2006	
	Gira de escravos: a música dos exus e pombagiras no Centro Umbandista Rei de Bizara	2006	
MIRANDA, Eduardo Oliveira e SILVA, Hellen Mabel Santana	Paisagem e Umbanda: análise da festa de largo	2010	Festa de Iemanjá no Bairro Rio Vermelho e Centro de Iemanjá Umbandista Mãe Liu <sup>13</sup>
MOURA, Mariana Mendes	A Umbanda em Salvador: memórias e considerações	2012	Ogum de Ronda Rei dos Astros, Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro e Casa de Lua Cheia
	Umbanda em Salvador (BA): memórias e narrativas	2013	
PAZ, Adilson Meneses da	Pedrinha Miudinha em Aruanda é, Lajedo: o modo de vida da Umbanda	2019	Centro de Umbanda Irmão Carlos

A publicação de maior visibilidade e abrangência é a dissertação de Mariana Moura, defendida em 2013, em que a presença dos terreiros umbandistas e de suas tradições é investigada principalmente através das reportagens publicadas nos jornais locais. Segundo a autora, tendo como base as informações levantadas em jornais, pode-se considerar que a existência da Umbanda em Salvador ocorre desde a fundação do Centro Umbanda São Jorge Ogum de Ronda, em 1922, e do Terreiro Gagá Umbanda Afuramã, em 1927, apesar de não se ter conhecimento do registro desses terreiros em instituições ou órgãos oficiais. Entretanto, a maior parte dos registros bibliográficos e documentais apontam a presença da Umbanda em Salvador a partir da década de 1950, tornando-se mais cultuada na década de 1960 (BORGES, 2006; SANTOS, 2008; PAZ, 2019).

A dissertação de Borges (2006), defendida na Faculdade de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA), registra as práticas ritualísticas, principalmente a oralidade e os pontos cantados do Centro Umbandista Rei de Bizara,<sup>14</sup> que cultua uma Umbanda

Mista ou Umbandomblé, que possui similaridades com o Candomblé Angola e o de Caboclo, o centro funciona desde a década de 1950, apesar de ter sido formalmente fundado somente em 1977. Por sua vez, a tese de Paz (2019), defendida na Faculdade de Educação da UFBA, apresenta o cotidiano e as práticas ritualísticas do Centro de Umbanda Irmão Carlos<sup>15</sup> – que, na descrição do autor, parece ter alinhamentos com a Umbanda Cruzada –, cujas atividades iniciaram em 1981. Comparando-se os relatos e os depoimentos nessas duas publicações, é possível perceber como as práticas umbandistas são diversas e influenciadas pelas experiências de vida e formação mediúnicamente de cada dirigente de terreiro.

Finalmente, o artigo de Miranda e Silva (2010), além de trazer os costumes umbandistas durante a Festa de Iemanjá, permite perceber conflitos entre praticantes do Candomblé e da Umbanda em Salvador, já registrados na década de 2010.

Vale acrescentar que a primeira tentativa de criação de uma associação que promovesse a união entre os terreiros umbandistas baianos foi identificada em 1974, com a formação da União de Umbanda da Bahia. Criada pelo babalorixá carioca Mário de Xangô,<sup>16</sup> sua sede funcionava na residência do babalorixá, no bairro de Nazaré – mais especificamente, na Travessa Joaquim Maurício, conhecida como Cova da Onça. Posteriormente, foi transferida para Pau da Lima e, depois, para Itapuã (MOURA, 2013). Em reportagem, o babalorixá ressalta sua influência sudestina:

Na Bahia tem poucos umbandistas, os poucos terreiros que serão criados aqui, se basearão nos moldes de Rio e São Paulo, onde a Umbanda é realizada de portas abertas para a caridade, fugindo ao folclore, ao turismo, "Em suma, a Umbanda é um ritual nosso autêntico, onde respeitamos os orixás e não uma entidade para inglês ver [...] Atualmente as várias casas que praticam e seguem a linha de Umbanda possuem programações que se desenvolvem por toda semana, e já contam com 3 terreiros situados em Brotas, 1 no Sertanejo, na Ribeira, Liberdade, e 2 que serão considerados dentro de pouco tempo (se tudo der certo) os mais famosos de Salvador (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 14/04/1974 apud MOURA, 2013. p. 48).

Mário de Xangô esteve presente na mídia, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, ressaltando comemorações de tradição umbandista<sup>17</sup> e denunciando intolerâncias religiosas, conflitos com praticantes do Candomblé e com a Federação dos Cultos Afro-brasileiros, como aponta Moura (2013).

Outra tentativa de promover a união entre os terreiros umbandistas baianos pode ser observada em 2017 e 2018, quando ocorreram em Salvador o 1º e 2º Encontro de

Umbanda da Bahia (Umbahia), promovidos pelo Centro de Umbanda Mística Oxum Apará (CUMOA), com o apoio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). Fomentada por esses dois encontros, em 2019 foi criada a Associação de Umbanda da Bahia (AUMBA), presidida pela Mãe Zaide Alencar,<sup>18</sup> com Pai Leandro Seixas como vice-presidente.

Nenhuma das publicações científicas identificadas e consultadas teve como foco o levantamento ou o mapeamento dos terreiros umbandistas em funcionamento em Salvador. Ainda que Borges (2006) tenha ao menos mencionado um levantamento, que teria sido realizado pela Federação Nacional de Culto Afro Brasileiro (Fenacab), com 53 terreiros umbandistas, distribuídos em 28 localidades/bairros, o autor não indicou, e também não foi encontrado, seu ano de realização, a metodologia adotada ou o nome dos terreiros, apenas a indicação dos bairros ou localidades onde se localizavam. a maior parte dos terreiros estaria situada nas proximidades do Centro Antigo de Salvador, ao passo que cinco se encontrariam no bairro de Brotas.

Nesse sentido, é oportuno afirmar que a partir das pesquisas nas produções científicas utilizando as já referidas palavras-chave, foi possível notar diversas lacunas quanto aos registros históricos sobre a presença umbandista em Salvador. Diante disso, e com a intenção ainda inicial de preenchê-las, sem a pretensão de esgotá-las, a seguir é apresentado o passo-a-passo para o levantamento dos terreiros de Umbanda em funcionamento, com base em um esforço de encontrar e registrar evidências dessa presença na cidade.

## **Umbanda em Salvador: o passo a passo para o levantamento e um registro primário dos números**

Nesta seção, tratamos do passo a passo para o levantamento dos terreiros de Umbanda em funcionamento em Salvador. Para dar conta disso, vale lembrar que o ponto de partida foi seu registrado no Mapeamento dos Terreiros de Salvador (SANTOS, 2008) e aqueles mencionados nas publicações científicas anteriormente citadas de Borges (2006), Moura (2013) e Paz (2019).

É oportuno sinalizar que no caso do Mapeamento dos Terreiros de Salvador,<sup>19</sup> entre as cinco etapas para sua realização estavam a "identificação e informações

físico-ambientais e socioeconômicas dos *terreiros de candomblé* de Salvador" e a "seleção dos **terreiros de candomblé** para o cadastro físico-fundiário" (SANTOS, 2008, p. 1, grifos nossos), ainda que mais tarde os/as envolvidos/as tenham percebido que seria possível realizar um censo das religiões afro-brasileiras na Bahia.<sup>20</sup> Em outros termos, aparentemente a intenção inicial não foi a de mapear os terreiros de Umbanda, embora tenham sido ao final catalogados 24 terreiros umbandistas na cidade, fundados entre a década de 1950 e os anos de 2000.

Nesse sentido, pode-se ressaltar a originalidade desse passo a passo, do mesmo modo que a do próprio levantamento, uma vez que há uma impressão<sup>21</sup> que esse número atualmente é bem maior.

Em decorrência do contexto pandêmico, este levantamento ocorreu de forma não presencial, entre os dias 10 de junho e 10 de julho de 2021, e seguiu várias etapas que, embora por razões didáticas apareçam em uma ordem, na prática ocorreram, por vezes, concomitantemente e de forma complementar.

Inicialmente pautadas na ideia de Moura (2013), além da própria escolha pelo emprego das palavras-chaves Umbanda e Umbandista em Salvador para as pesquisas em publicações científicas, e depois de identificados os terreiros no Mapeamento acima citado e nas referências anteriormente apresentadas, optou-se por buscar no Google Maps (2021), em Salvador, todos os locais que possuíam na toponímia as palavras "Umbanda" ou "Umbandista". Com isso, foram verificados os tipos de atividades que possuíam: (a) terreiros com giras, abertos a consulentes; (b) escolas com cursos sobre os preceitos umbandistas; (c) médiuns que oferecem serviços de cartomancia e consulta aos búzios; (d) lojas de artigos religiosos. Optou-se por delimitar o levantamento, pesquisando somente as opções (a) – os terreiros - e (b) – as escolas.

Com vistas a perceber as atividades dos terreiros e das escolas identificados, em seguida foram acessados seus sites e redes sociais (Facebook, Instagram e YouTube). Nessa etapa, foi possível notar a relação e/ou as parcerias que existem entre esses terreiros com outros também localizados em Salvador. A investigação dessa rede de relações possibilitou que fossem encontrados ainda mais terreiros, para os quais foram adotados os mesmos procedimentos de verificação junto a seus sites e redes sociais – o que possibilitou que, mais uma vez, novos terreiros fossem identificados. Nesse processo, notou-se que muitos, apesar de se declararem umbandistas, não possuem referências à Umbanda em seu nome, como será visto adiante.

Como forma de complementar e também de certo modo “ver”, “reconhecer” ou apenas “identificar visualmente” esses terreiros, seguiu-se a verificação de sua localização através das imagens do Google Street View (2018, 2019). Com isso, além dessa identificação visual, tentava-se encontrar indícios de seu funcionamento. E foi observado em alguns casos a presença de letreiros com o nome do terreiro e cartazes com informações de funcionamento. Todavia, a maior parte possuía apenas plantas de uso ritualístico na fachada.

Ressalta-se que, desde o início da pandemia de Covid-19, as atividades presenciais nesses terreiros tornaram-se restritas, mas as ações de caridade continuaram, assim como a consulta aos búzios e a manutenção dos espaços físicos. Também foi identificado o aumento das palestras e *lives* virtuais, disponibilizadas nas suas redes sociais.

O levantamento realizado buscou evidenciar o ano de fundação, quando foram registrados em algum órgão oficial – o que é diferente da data em que o terreiro iniciou suas atividades, que em muitos casos antecede em alguns anos ao registro oficial de funcionamento. Além disso, houve casos cujo registro oficial não existiu ou não foi identificado; nestes o ano de início das atividades foi considerado como o oficial.

Na sequência, o Quadro 4 traz os terreiros umbandistas identificados em Salvador.

**Quadro 4** – Levantamento inicial dos terreiros de Umbanda, por bairro, ano de fundação e status de funcionamento, em Salvador Fonte: elaboração própria (2021), com base em Santos (2008); Moura (2013); Paz (2019); Google Maps, redes sociais dos locais levantados e entrevistas informais.

nº	Nome	Bairro	Ano de Fundação	Em funcionamento
1	Centro Umbanda São Jorge Ogum de Ronda	INE**	1922*	Não
2	Terreiro Gagá Umbanda Afuramã	Engenho Velho de Brotas	1927*	Não
3	Umbanda	Castelo Branco	1950	INE**
4	Centro de Umbanda	Pernambués	1956	INE**
5	Ogum de Ronda Rei dos Astros	Amaralina	1956	Sim
6	Terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro	Sete de Abril	1960	Sim
7	Centro de Caboclo Serra Negra da Aldeia de Jequitirica	Dom Avelar	1962	INE**
8	Centro de Umbanda Ogum de Ronda	Cajazeiras IV	1964	INE**
9	Centro Luz do Mestre	INE**	1969*	Não
10	Centro de Umbanda Oxóssi Guerreiro	Águas Claras	1970	Não
11	Centro de Umbanda Mística Oxum Apará - CUMOA	Piatã	1971	Sim
12	Centro de Umbanda Ogum Estrela	Barbalho	1974	Não

<b>n</b>	<b>Nome</b>	<b>Bairro</b>	<b>Ano de Fundação</b>	<b>Em funcionamento</b>
13	União de Umbanda da Bahia	Nazaré	1974	Não
14	Centro de Oxalá	São Marcos	1976	INE**
15	Sultão das Matas	Luis Anselmo	1976	INE**
16	Casa de Lua Cheia	Cabula	1977	Sim
17	Centro Umbandista Rei de Bizara	Brotas	1977	INE**
18	Centro de Umbanda Caboclo Pena Branca	Ribeira	1978	INE**
19	(não informado)	Boa Vista do Lobato	1978	INE**
20	Ylê Axé Oiassi	Fazenda Coutos	1979	INE**
21	Centro de Umbanda Obaluaiê	Boa Vista de São Caetano	1981	INE**
22	Centro de Umbanda Irmão Carlos	Alto de Coutos	1981*	Sim
23	Centro de Caboclo Sete Flechas	Vasco da Gama	1983	INE**
24	Centro de Umbanda Jequiriça Sultão das Matas - CEUJSM	Praia Grande	1987	Sim
25	Centro de Umbanda Juriti (Razão social: Associação Universalista para o Desenvolvimento da Humanidade)	Cabula VI	1988	Sim
26	Centro Espírita Caboclo Tumba Jussara	Bairro da Paz	1991	INE**
27	Centro Umbandista Paz e Justiça	Luis Anselmo	1995	Sim
28	Centro Casa de Mesa Branca Raio de Sol	Cabula V	1997	INE**
29	Ogum de Kariri	Nordeste de Amaralina	1998	INE**
30	Casa de Umbanda Giro de Caboclo	Fazenda Grande II	1999	INE**
31	Casa de Umbanda Santa Rita de Cássia - CUSRS Abassá de Oxum das Pedras	IAPI	2000	Sim
32	Centro de Umbanda Cultural Oficina Mediúnica - CUCOM	Boa Vista de São Caetano	2001	Sim
33	Umbanda	Jardim Nova Esperança	2002	INE**
34	Centro Cigana Maguidala	Alto das Pombas	2003	Não
35	Templo e Escola Umbandista Mata Virgem	Pituaçu	2007	Sim
36	Fraternidade Umbandista Cavaleiros de Aruanda e Templo e Escola Caboclo Tupinambá e Vovó Benedita	São Cristóvão	2008	Sim
37	Lar Umbandista Mensageiros da Esperança - LUME	Vale dos Lagos/ Canabrava	2010	Sim
38	Casa de Caridade Caboclo Boiadeiro (Razão social: Centro de Umbanda Casa de Caridade Caboclo Boiadeiro)	Amaralina	2012	Sim
39	Lar Umbandista Espírita de Oração e Caridade - LUEOC	Pelourinho	2012*	Sim
40	Templo Aldeia Umbandista Amor e Caridade - TUAC	Cassange - São Cristóvão	2012*	Sim

<b>n°</b>	<b>Nome</b>	<b>Bairro</b>	<b>Ano de Fundação</b>	<b>Em funcionamento</b>
41	Abassá de Yemanjá (Nome anterior: Tenda de Umbanda da Preta Velha Maria Conga)	Pero Vaz	2014*	Sim
42	Casa de Umbanda União e Caridade	Bonfim	2014*	Sim
43	Centro Espírita Renascer na Umbanda	Pernambués	2014*	Sim
44	Centro de Umbanda Estrela de Aruanda	Praia do Flamengo	2014	INE**
45	Centro de Umbanda Caboclo Taperoá	Boca do Rio	2014	Sim
46	Tenda Umbandista Jornada Espiritual - TUJE	Jardim das Margaridas	2014	Sim
47	Terreiro de Umbanda Força e Luz	Eng. Velho de Brotas	2014	Sim
48	Centro de Umbanda Mãe Iansã - CUMI	São Caetano	2015*	Sim
49	Casa de Oração Irmãos e Fé - COIF (Razão social: Centro de Umbanda Casa de Oração Irmãos e Fé)	Lapinha/Liberdade	2016	Sim
50	Templo de Umbanda Estrela Guia	Itapuã	2016	Sim
51	Templo e Escola de Umbanda Pai José de Aruanda	Boca do Rio	2017	Sim
52	Templo e Escola de Umbanda Flecharuanda	Boca do Rio	2018	Sim
53	Templo Universalista Luz de Aruanda -TULAR	Garcia	2018	Sim
54	Tenda de Umbanda Pai Cipriano de Angola e Ogum de Ronda	Mussurunga I	2018*	Sim
55	Terreiro de Umbanda Casa das Almas - TUCA e Escola Dominical de Umbanda Casa das Almas	INE**	2018*	Sim
56	Terreiro Filhos de Oxalá ou Tenda Umbandista Filhos de Oxalá	Mussurunga I	2018*	Sim
57	Centro de Umbanda 7 Caminhos de Aruanda	Stella Maris	2019*	Sim
58	Terreiro de Umbanda Aldeia Tupyara	Nova Brasília	2020	Sim

\*Ano de início do funcionamento, a instituição ainda não possui fundação ou a mesma não foi identificada.

\*\*INE = Informações Não Identificadas.

apesar de o levantamento não ter identificado muitos terreiros fundados entre as décadas de 1920 e 1950, isso não quer dizer que eles não existam, muito provavelmente não foram registrados em uma instituição ou órgão oficial, ou ainda, eventualmente, pode ser que o nome não tenha os termos Umbanda ou Umbandista, dificultando sua identificação em nosso levantamento.

Como sinalizado antes, alguns terreiros (16), embora se declarem de Umbanda, não trazem essa referência em seu nome – Ogum de Ronda Rei dos Astros (n° 5),

Centro de Caboclo Serra Negra da Aldeia de Jequitirica (nº 7), Centro Luz do Mestre (nº 9), Centro de Oxalá (nº 14), Sultão das Matas (nº 15), Casa de Lua Cheia (nº 16), Ylê Axé Oiassi (nº 20), Centro de Caboclo Sete Flechas (nº 23), Centro Espírita Caboclo Tumba Jussara (nº 26), Centro Casa de Mesa Branca Raio de Sol (nº 28), Ogum de Kariri (nº 29), Centro Cigana Maguidala (nº 34), Casa de Caridade Caboclo Boiadeiro (nº 38), Abassá de Yemanjá (nº 41), Casa de Oração Irmãos e Fé (nº 49), Templo Universalista Luz de Aruanda (nº 53) – ver Quadro 4.

Além disso, outra característica percebida é que geralmente aqueles que trazem a denominação de “Templo e Escola” realizam cursos de teologia, curimba,<sup>22</sup> desenvolvimento mediúnico e vivências. Esses cursos possuem preços específicos, geram uma renda para o espaço e auxiliam no custeio de suas despesas de funcionamento. Ainda contribuem para que se possa ter mais acesso e conhecimento sobre a religião, como por exemplo o Templo e Escola Umbandista Mata Virgem (nº 35), o Templo e Escola de Umbanda Pai José de Aruanda (nº 51) e o Templo e Escola de Umbanda Flecharuanda (nº 52).

Vale ressaltar que alguns terreiros realizam cursos, mas não adotaram o nome Templo Escola, como é o caso do CUMOA (nº 11), da TUJE (nº 46) e do CUMI (nº 48). Outra instituição presente em Salvador é o Curso de Curimba das Meninas,<sup>23</sup> que realiza parceria com diversos terreiros de Umbanda da cidade.

Ainda com referência apenas ao nome, poder-se-ia inferir uma possível relação com as Umbandas mencionadas no Quadro 2, na seção 2, casos do Centro Espírita Caboclo Tumba Jussara (nº 26), do Centro Casa de Mesa Branca Raio de Sol (nº 28), do Lar Umbandista Espírita de Oração e Caridade (nº 39), do Centro Espírita Renascer na Umbanda (nº 43), cujas denominações trariam uma ligação com a Umbanda de Mesa Branca ou Kardecista. Além do Ylê Axé Oiassi (nº 20) e do Abassá de Yemanjá (nº 41), cujos nomes poderiam, de alguma forma, os relacionar à Umbanda Traçada. Ou ainda, o Centro de Umbanda Mística Oxum Apará (nº 11) e o Centro Cigana Maguidala (nº 34) que, eventualmente, poderiam ter suas origens/funções mais relacionadas à chamada Umbanda Esotérica.

É oportuno adicionar, de acordo com Borges (2006), que o Centro Umbandista Rei de Bizara (nº 17) também funcionou como escola voltada ao ensino dos fundamentos da Umbanda, onde o/a médium, após finalizar um curso que durava sete anos, poderia abrir seu próprio terreiro. Assim, segundo o autor, o referido centro contribuiu para formação de outros terreiros como o Centro Umbandista Oxossi Matalambô, o

Centro Iansã da Pedra do Ouro e o Rosário de Luz.<sup>24</sup> Para a dirigente do Centro Umbandista Rei de Bizara, quando um novo terreiro se forma, o vínculo com o de origem permanece, isso porque o/a médium continua frequentando e/ou se aconselhando, esporadicamente, com a mãe ou o pai de santo, o que contribui para união entre os terreiros (BORGES, 2006). Essa característica da formação e da união dos terreiros de Umbanda, em Salvador foi percebida em outros exemplos, como o TUAC (nº 40), que se formou do LUEOC (nº 39), e que ainda mantém o vínculo com este último, muitas vezes realizando eventos, palestras e festas juntos.

Também se acrescenta que muitos deles mudaram de endereço ao longo dos anos de funcionamento, isso porque às vezes o terreiro começa nas dependências da própria residência do/a dirigente, ou em locais improvisados, e, aos poucos, conforme os/as frequentadores/as e o número médiuns em atendimento vão aumentando, o terreiro vai se tornando mais consolidado e é finalmente registrado. Um exemplo é o Abassá de Yemanjá (nº 41), que iniciou as atividades no bairro Marechal Rondon, em seguida foi transferido para Nova Brasília, localidade Vila Mar, e, atualmente, está em Pero Vaz, mantendo a mesma dirigente. Outro exemplo é a Casa de Umbanda União e Caridade (nº 42), que antes se situava no bairro Matatu e atualmente está no Bonfim.

Quando se analisa a presença da Umbanda no urbano é importante compreender que os espaços de culto dessa religião são, muitas vezes, invisíveis aos olhos de leigos/as. Principalmente, quando o terreiro ainda funciona no mesmo lote das residências dos pais e mães de santo, seja no quintal, nas lajes ou nos pavimentos superiores, ou ainda, em cômodos específicos da casa. Geralmente não existem letreiros ou símbolos que indiquem o local quanto ao uso religioso. Entretanto, é comum haver várias ervas e árvores de uso ritualístico na entrada, e em alguns dias também é possível ver filas de pessoas trajadas com roupas claras na porta e até, quem sabe, ouvir da rua o som dos atabaques durante as giras.

## **Considerações finais? Elas não se encerram, caminham para outros e necessários começos**

O território umbandista vai muito além dos limites do terreiro, sendo uma religião que tem seus fundamentos doutrinários em defesa da natureza, interagindo com diversos espaços livres urbanos a fim de realizar seus rituais e festas, em locais como praias, rios, matas, pedreiras, parques urbanos, próximos a elementos da arborização

urbana, ruas e encruzilhadas. Como a religião é também pautada na caridade, os terreiros muitas vezes intervêm em causas sociais e promovem atividades assistencialistas, atuando na escala da cidade. Dessa forma, o presente levantamento entende que a localização dos terreiros de Umbanda em Salvador é apenas uma pista, ou um ponto de partida, para a compreensão mais ampla de como se dá a influência e a atuação desses terreiros no espaço urbano.

No Mapeamento dos Terreiros de Salvador, como já mencionado, identificou--se a presença de apenas 24 terreiros umbandistas na cidade. Já o levantamento realizado pela Fenacab, e que antecede o realizado em 2008, citado por Borges (2006), relatou a presença de 53 terreiros de Umbanda em Salvador. Metodologicamente, no mapeamento foram identificados todos aqueles fundados ou registrados em órgãos oficiais, e o segundo levantamento provavelmente não se restringiu aos terreiros fundados, com registros oficiais. Já o levantamento apresentado neste artigo identificou 58 terreiros umbandistas, terreiros e escolas, 32 deles fundados antes de 2008.

Apesar de o levantamento apresentado neste artigo também agregar os terreiros cuja data de fundação não pôde ser detectada e aqueles que não estão mais em funcionamento, ainda assim não foi possível identificar todos os terreiros apontados pela Fenacab ou aqueles mencionados nas publicações científicas de Borges (2006), Moura (2013) e Paz (2019), sinalizados ao longo do texto. Por isso, considera-se a necessidade de os resultados serem aprofundados no campo empírico, principalmente através de visitas *in loco* e entrevistas, além de consulta a dirigentes dos terreiros umbandistas e consulentes/ visitantes.

Mesmo assim, já é possível afirmar que a presença da Umbanda em Salvador tem aumentado, pois desde 2008 já foram identificados 22 novos terreiros. A realização do 1º e do 2º Umbahia, em 2017 e 2018, também trouxe momentos importantes de visibilidade e de reconhecimento para a religião.

Como dito, as considerações aqui postas não se encerram, mas indicam novos e necessários recomeços. Por isso, pontua-se que quando da proposição inicial de atualizar o levantamento dos terreiros de Umbanda em funcionamento em Salvador, as autoras tinham em vista: (1) identificar os bairros onde se inserem; (2) entender se esses bairros são os que mais concentram pessoas negras; e (3) quais as outras relações que se estabelecem entre o terreiro (a partir das práticas que desenvolvem, além das celebrações religiosas) e o bairro ou a cidade onde se inserem.



Todavia, no processo de elaboração do artigo, viu-se lacunas que não poderiam ser negligenciadas, como a compreensão das "Umbandas", e como a religião vem sendo tratada nas publicações científicas. Trata-se de aspectos considerados importantes para o entendimento do crescimento no número de terreiros da religião, como também de seus/suas adeptos/as.

Nesse sentido, foi oportuno o desapego das expectativas iniciais, visando a perseguir e atingir um outro objetivo. Assim, neste artigo abordou-se primeiramente tais compreensões e a seguir, além do fundamental aprofundamento acerca do levantamento, pretendemos dialogar com os pontos acima suscitados, e quem sabe até mesmo realizar uma reconstrução conceitual quanto ao emprego de termos que sedimentam o racismo estrutural.

Com isso, afirma-se que ainda há uma longa jornada, seja para trazer respostas às inquietações pessoais e às conexões com a espiritualidade que uniu (e une) as autoras, seja para dar visibilidade às inúmeras possibilidades de leituras que a Umbanda proporciona como a religião que "é paz e amor, é um mundo cheio de luz, é força que nos dá vida".

## Notas

**1** Com vistas a evitar repetições desnecessárias e, especialmente, considerando a pluralidade e a diversidade da Umbanda, representada inclusive pela multiplicidade de nomes usados como referência aos espaços físicos de seus cultos - tenda, casa, cabana, barracão, centro ou templo -, aqui o emprego será simplesmente terreiro, embora reflita as denominações anteriormente citadas.

**2** Que pode ser conhecido como Zambi, Olorum ou Olodumare, isso porque os povos africanos vinham de diferentes regiões (Congo e Angola; da Nigéria; ou do Reino do Daomé, onde é o atual Benim), que atribuíam distintos nomes ao mesmo Deus, de acordo com a nação de origem angola, ketu ou jêje e ao idioma falado, bantu, iorubá e fon ou ewé, respectivamente. Além de Nhanderu, relacionado à vertente indígena Guarani.

**3** Forças elementares que representam a natureza, assim conhecidos pelos povos da nação ketu, mas que podem ser chamados inquices quando se relacionam à nação angola; ou Voduns, se estiverem ligados à nação jêje.

**4** Já viveram neste mundo físico, mas após a morte, alcançaram determinado grau de elevação/evolução que retornam à terra, na condição de espíritos de caboclos, pretos-velhos - por exemplo -, cuja sabedoria os permite atuar nos trabalhos de aconselhamentos espirituais e no benzimento, normalmente intermediados/as pelos/as médiuns do terreiro, durante uma gira.

**5** Correspondem aos agrupamentos de espíritos que possuem a mesma vibração. As energias de cada falange vêm de um determinado Orixá (Oxalá, Iemanjá, Oxum, Iansã, Ogum, Oxóssi, Xangô, Ossain, Oxumarê, Nanã, Obaluaê). Em uma falange, podem existir centenas de espíritos atuando com o mesmo nome, denominados falangeiros. Por exemplo, a Cabocla Jurema é uma falange constituída de milhares de espíritos que adotam o mesmo nome. “Por isso, pode ocorrer a manifestação de centenas de Caboclas Juremas ao mesmo tempo, em diversos terreiros, inclusive dentro da mesma gira de um terreiro” (NASCIMENTO, 2020, p. 14).

**6** Vale acrescentar que na Bahia, além do mapeamento citado, também há o Mapeamento dos terreiros do Recôncavo Baiano (2012), que registrou 420 terreiros, dos quais 77 (15%) se auto-identificaram como pertencente à Umbanda e o Mapeamento da região do Baixo Sul da Bahia (2012) que identificou 116 terreiros, sendo 47 (43%) de Umbanda.

**7** ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1999.

**8** Ainda no século XVII, um expressivo contingente de negros/as que chegou à Bahia era de origem bantu. O que possivelmente se reflete na constituição das irmandades dos homens pretos aos calundus, aos candomblés, às macumbas, às congadas e aos maracatus – manifestações que propiciavam a troca de energia e promoviam o equilíbrio ou que, como afirma Sodré (1988), destinavam-se a renovar a força. Inclusive Rolnik (1999, p. 33) registrou: “Em suas habitações coletivas moravam as tias negras e seus clãs, que praticavam o jongo, macumba ou roda de samba como extensões da própria vida familiar; pouco a pouco esses batuques familiares foram se transformando em cordões de carnaval”.

**9** PRANDI, Reginaldo. Prefácio. In: CARNEIRO, João Luiz. Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica. Petrópolis: Vozes, 2014.

**10** Está presente em diversas obras, sites e blogs que tratam da religião.

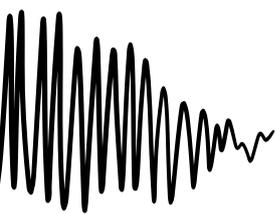
**11** O referido autor fez um abrangente levantamento que conta com nomes como: Antonio Carlos do Amaral Azevedo, autor do Dicionário Histórico das Religiões; Olga Gudolle Cacciatore, autora do Dicionário de Cultos Afro-brasileiros; Josef Ronton, escritor umbandista e autor do Trabalhos Umbanda-Canjerê e Sacramentos da Umbanda Mística; A. G. Anselmo, autor de Catecismo Espiritualista da Linha Branca de Umbanda, publicado pelo Jornal do Commercio, no Rio de Janeiro; Domingos Forchezatto, Maria Alice Giannoni e Maria Elidia dos Santos, autores do livro Umbanda Branca e Cristã; e Caio de Omulu, autor do livro Umbanda Omolocô.

**12** ISAIA, Artur Cesar. Ordenar Progredindo: A Obra dos Intelectuais de Umbanda no Brasil da Primeira Metade do Século XX. In: Anos 90. Porto Alegre, n° 11, julho de 1999.

**13** Localizado na cidade de Feira de Santana-Bahia.

**14** A mãe de santo do centro Tia Preta, nascida em Cachoeira-Bahia, se iniciou no Candomblé de nação ketu e angola, mas se tornou umbandista quando foi morar no Rio de Janeiro, carregando essas influências (BORGES, 2006).

**15** A primeira dirigente, a mãe de santo Dona Glorinha, nascida no povoado de Bela Vista de Covas, em Itiúba, Bahia, teve sua formação mediúnic no Centro de Giro Cava-leiro Jorge de Aruanda, em Petrolina, Pernambuco.



**16** Mário Bernardo ou Mário Exê Oba Kawo, umbandista desde os sete anos, e portador de inúmeros títulos pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, na condição de conhecedor e divulgador do culto de Umbanda (A Tarde, 28/01/1976, p. 2, apud MOURA, 2013).

**17** Alguns exemplos: festa de Iemanjá (2 de fevereiro), grande festa de Iemanjá (31 dezembro), a noite dos Pretos-Velhos, a festa de São Jorge, dos Santos Mirins Cosme e Damião e o Baile de Nanã dedicado às professoras (MOURA, 2013).

**18** Casa da Vovó Maria Conga e Caboclo Sete Flechas, localizado no Quingoma em Lauro de Freitas-BA.

**19** Realizado sob a coordenação geral de Jocélio T. dos Santos, em uma parceria entre as Secretarias Municipais da Reparação e da Habitação e o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), compondo o Programa de Valorização do Patrimônio Afro-brasileiro.

**20** Essa realização só foi possível, segundo Santos (2008), porque o projeto passou a contar com recursos da Fundação Cultural Palmares e da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR), além do apoio da Federação Nacional do Culto Afro-brasileiro (FENACAB) e da Associação Cultural de Preservação do Patrimônio Bantu (ACBANTU).

**21** Conforme identificado em palestras e depoimentos nos UmBahia de 2017 e 2018.

**22** Curimba é um grupo de pessoas que realizam práticas musicais em rituais umbandistas, utilizando instrumentos como atabaques, agogô e a própria voz.

**23** O Curso de Curimba das Meninas se localiza no bairro Imbuí e foi fundado em 2019, embora esteja em atividade desde antes dessa data.

**24** Embora Borges (2006) sinalize que esses terreiros estariam situados em áreas próximas ao bairro de Brotas, a pesquisa ainda não conseguiu confirmar nem a localização, nem suas data de fundação; Por isso, não são mencionados no Quadro 4.

## Referências

BARBOSA JÚNIOR, Ademir. **O livro essencial de Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BROWN, Diana. **Uma história da umbanda no Rio**. In: BROWN, Diana et al. **Umbanda e política**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. pp. 9-42.

BORGES, Mackely Ribeiro. **Gira de escravos: a música dos Exus e Pombagiras no Centro Umbandista Rei de Bizara**. 211f. 2006. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

\_\_\_\_\_. Umbanda e Candomblé: Pontos de Contato em Salvador-BA. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música. **Anais...** Brasília, 2006.

\_\_\_\_\_. Gira de escravos na Umbanda de Salvador-BA. XV Congresso Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música. **Anais...**, Recife, 2005.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: uma construção teológica**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Governo do Estado da Bahia. Secretaria de Promoção de Igualdade Racial - Sepromi. **Mapeamento dos Espaços de Religião de Matriz Africana do Recôncavo**. Salvador, 2012. Disponível em: <<http://www.igualdaderacial.ba.gov.br/category/publicacoes/>>. Acesso em: jun. 2021

Governo do Estado da Bahia. Secretaria de Promoção de Igualdade Racial - Sepromi. **Mapeamento dos Espaços de Religião de Matriz Africana do Baixo Sul**. Salvador, 2012. Disponível em: <<http://www.igualdaderacial.ba.gov.br/category/publicacoes/>>. Acesso em: jun. 2021.

MIRANDA, Eduardo Oliveira; SILVA, Hellen Mabel Santana. Paisagem e Umbanda: análise da festa de largo. VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. **Anais...** Salvador, 2010.

MOURA, Mariana Mendes de. **Umbanda em Salvador (BA): memórias e narrativas**. 120f. 2013. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MOURA, Mariana Mendes de. A Umbanda em Salvador: memórias e considerações. III Encontro Baiano de Estudos em Cultura. **Anais...** Cachoeira, 2012.

NASCIMENTO, Adriana Cristina Zielinski do. **"Avante, filhos de fé": a Umbanda e suas práticas ritualísticas**. 101f. 2020. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável. Universidade Federal do Paraná. Matinhos, 2020.

PAZ, Adilson Meneses da. **Pedrinha Miudinha em Aruanda ê, Lajedo: o modo de vida da Umbanda**. 193f. 2019. Tese (Doutorado). Programa de Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

PINHEIRO, André de Oliveira. **Revista espiritual de Umbanda: mito fundador, tradição e tensões no campo umbandista**. 124f. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel / FAPESP, 1999.

SANTOS, Jocélio. **Mapeamento dos terreiros de Salvador**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, UFBA, 2008.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1988.

VERGER, Pierre. **Lendas africanas dos Orixás**. Salvador: Corrupio, 1999.

